

# Do exilado à exilada: uma história sexuada da proscricção política além-Mancha e além-Atlântico no Segundo Império / *From exiled to female exiled: A sexed history of political proscription and beyond English Channel and beyond Atlantic Channel in the Second Empire*

Sylvie Aprile\*

Professora de história contemporânea da Universidade de Lille III.

Recebido em 15 nov. 2019. Aprovado em: 17 dez. 2019.

## Como citar este artigo:

PRILE, Sylvie. Do exilado à exilada: uma história sexuada da proscricção política além-Mancha e além-Atlântico no segundo Império. *Revista Letras Raras*, [S.l.], v. 9, n. 1, mar. 2020. p. Port. 77-93 / Eng. 75-88. ISSN 2317-2347.

## RESUMO<sup>1</sup>

Nos estudos do exílio e da migração, comumente encontramos discussões que situam o sujeito do exílio, representado pela figura universal masculina. Contudo, neste artigo, temos como objetivo demonstrar que, desde o princípio desse fenômeno social, as mulheres também emigravam, mesmo antes que o exílio passasse a ser coletivo/familiar. A figura das mulheres imigrantes quebra o estereótipo de um feminino que se dedica aos afazeres domésticos e evidencia a mobilidade feminina (PERROT, 2000). Assim, situamos três categorias de figuras femininas, atreladas ao contexto da imigração, mas que são invisibilizadas em seu combate: a mulher que fica, mas que não desempenha um papel passivo; ao contrário disso, ela assegura o âmbito financeiro da família. Destacamos, também, a figura da mulher seguidora, cujo papel é o de participar da manutenção das redes familiares; e, por fim, a figura da exilada propriamente dita. As fontes epistolares e os dossiês de reparação da lei de 1881 autorizam uma análise mais ampla sobre o que as fontes judiciais privilegiaram até aqui, a saber, a figura masculina. As três figuras que aqui situamos nos permitem repensar sobre a importância das políticas da migração feminina e, também, sobre a divisão sexuada das tarefas, especialmente no âmbito do exílio.

**PALAVRAS-CHAVE:** Exílio; Exilada; Migração; Proscricção; Mobilidade feminina.

## ABSTRACT

*In the studies of exile and migration, we commonly find discussions that situate the subject of exile, represented by the universal male figure. However, in this article, we aim to demonstrate that, from the beginning of this social phenomenon, women also emigrated, even before exile became collective / family. The figure of immigrant women breaks the stereotype of a female who devotes herself to household tasks and highlights the female mobility (PERROT, 2000). Thus, we situate three categories of female figures, linked to the context of immigration, but which*

\*

 [sylvie.aprile@gmail.com](mailto:sylvie.aprile@gmail.com)

<sup>1</sup> « De l'exilé à l'exilée: une histoire sexuée de la proscription politique Outre-Manche et Outre-Atlantique sous le second empire ». Traduzido do francês por: Maria Rennally Soares da Silva e Francisca Zuleide Duarte de Souza. Publicado pela primeira vez na Revista *Le Mouvement social* em 2008 n° 4, 2008, p. 27-38. In: <https://www.cairn.info/revue-le-mouvement-social-2008-4-page-27.htm>.

*are invisible in their fight: the woman who remains but does not play a passive role; on the contrary, it ensures the financial scope of the family. We also highlight the figure of the woman follower, whose role is to participate in the maintenance of family networks; and finally the figure of the exile itself. The epistolary sources and the reparation dossiers of the law of 1881 authorize a broader analysis of what the judicial sources have so far privileged, namely, the male figure. The three figures we present here allow us to rethink the importance of female migration policies and also the gendered division of tasks, especially in the context of exile.*

**KEYWORDS:** Exile; Exiled; Migration; Proscription; Female mobility.

## 1 Introdução

A grande figura francesa do exílio no século XIX é uma mulher: Germaine de Staël, emigrante no período da Revolução e, sobretudo, vítima do poder imperial de 1802 a 1814. Sua história, bem como suas obras, testemunham o lugar que ocupa o exílio em seu engajamento em Coppet, bem como as suas reflexões sobre a Europa e o romantismo nascente. Entretanto, a história do exílio não se interessou pelas figuras femininas da proscricção, com exceção, talvez, de Louise Michel. Mais do que para os homens, as figuras femininas parecem desaparecer depois da repressão do golpe de Estado de 1951 e, de suas desilusões, após a queda da república, deixando-as no anonimato e no silêncio. Deve-se então demarcar um lugar específico para as mulheres no exílio? Podemos, inicialmente, responder de modo afirmativo, pois essa situação não é diferente das que conheceu a maior parte das exiladas dos séculos XX e XXI, cujas vidas são exumadas em vários colóquios<sup>2</sup>. É a partir da análise de Nancy Green sobre as mulheres nas migrações, que esta reflexão se torna necessária e possível, apesar do relativo silêncio das fontes, mostrando, mais uma vez, o interesse de um comparatismo que não se limita a uma busca de analogias (GREEN, 2002).

Da mesma forma que a imigrante, a exilada contradiz a imagem estereotipada de um eterno feminino dedicado ao lar e, por consequência, ao imobilismo (PERROT, 2000). Essa mobilidade feminina não reverte o propósito de que é, geralmente, o homem quem busca a aventura, sendo ela política ou econômica. Entretanto, a partir de múltiplas trajetórias individuais, se pode identificar três figuras femininas maiores, definidas pela história das migrações e aplicadas, aqui, ao exílio. A primeira é a de esposa, *a mulher que fica*, mas que não é passiva, assumindo, em partes, o papel do homem e partilhando o opróbrio que rodeia o exilado. É ela que, como Lise Perdiguier, mulher do proscrito Agricol Perdiguier, assegura a sobrevivência financeira da família e gere, à distância, o patrimônio econômico e o engajamento político. A

---

<sup>2</sup> “Exumar a história das mulheres exiladas políticas”, Colóquio da Universidade livre de Bruxelas, 10-11 de maio de 2017, sob a direção de Anne Morelli. Essa, em introdução lembra: “Quando se fala de exilados, de emigrantes políticos, esses termos evocam espontaneamente o espírito masculino. Entretanto, muitas mulheres foram engajadas nas diversas ondas de emigração política, quer seja pela sua ação pessoal de militantes, ou porque sua sorte estava ligada à de um militante forçado ao exílio”.

segunda figura feminina que surge é a da *seguidora*, que deve ser o termo empregado por Nancy Green, cujo papel é igualmente reavaliar, na estrutura e manutenção das redes familiares e, nesse contexto, políticas. A última é a da exilada propriamente dita, emigrante de fato, condenada ou proscrita de modo voluntário, partindo sozinha, a exemplo das migrantes solteiras. Essa figura é magnificada por algumas personalidades emblemáticas e como as seguidoras, elas são geralmente citadas, mas invisíveis em seus combates. Essas três figuras não dão apenas a oportunidade para se repensar a importância política da migração feminina e a divisão sexuada das tarefas; elas permitem, igualmente, questionar as categorias do temporário e do permanente e as fronteiras tênues que separam o engajamento e o desengajamento. Elas nos convidam também a multiplicar os olhares e, então, as fontes. Aqui, são as fontes epistolares e os dossiês de reparação da lei de 1881 que autorizam completar e nuançar as análises que as fontes judiciárias ou policiais privilegiaram até aqui.

## 2 Penélope e Ulisses

Os homens proscritos após o golpe de Estado de 1851, sobretudo nos primeiros anos, partem sozinhos, em razão dos obstáculos da passagem clandestina e, porque o exílio parece não dever durar. Suas mulheres aparecem nas correspondências como as guardiãs do lar. Em seus escritos epistolares, elas, geralmente, pedem ao exilado que retorne, humilhando-se e reassumindo o seu engajamento. A recusa se torna a afirmação de uma postura masculina, reivindicada como uma forma de engajamento. O exilado traduz, em termos de coragem, o fato de passar pela sua situação política, mesmo diante das dificuldades materiais e afetivas vivenciadas pela família que, por sua vez, deve aceitar esse sacrifício. O veterinário Bergougnieux, instalado em Bruxelas, escreve à sua mulher, dizendo que ela não deve se posicionar contra as autoridades imperiais. De Jersey, posteriormente, ele escreve, dizendo que espera se estabilizar, para depois trazê-la para junto dele. Ele lamenta as privações pelas quais ela passa, assim como ele, mas não aceita que ela procure emprego, enquanto ele apenas sobrevive graças a um trabalho de tipógrafo, oferecido por Pierre Leroux<sup>3</sup>. A imagem ideal do casal solidário, mesmo na infelicidade, deve ser nuançada: Bergougnieux teme que a sua mulher não consiga cumprir as tarefas e então a adverte. Trinta anos mais tarde, ela entrega suas cartas íntimas à administração e as anexa ao seu pedido de indenização. Ela é então, segundo seus

---

<sup>3</sup> Ele a escreve em maio de 1952: “Eu faço todos os meus esforços para conseguir uma posição que nos permita viver juntos, de maneira honrosa.” Arquivos Nacionais (NA), 4046, dossiê Bergougnieux.

próprios termos, “aquela que não pode recolocar suas vestes de viúva.”<sup>4</sup> Ela não tem mais notícias do seu marido desde 1855: o proscrito desapareceu, mas não foi declarado morto. É exatamente a imagem, um pouco estereotipada de Penélope, esperando o retorno de Ulisses.

A correspondência trocada por Agricol Perdiguier com a sua mulher, que ficou em Paris, testemunha uma relação, à primeira vista, mais equilibrada, na qual a esposa deve gerenciar à distância os recursos familiares, mantendo uma rede de relações políticas na França (APRILE, 2004). Ela se recusa a se juntar a ele, marcando assim, tanto uma certa forma de autonomia, quanto a necessidade do retorno de seu esposo. Notamos que ela se apoia, para justificar a sua recusa, em seu papel de filha; e o exílio a forçaria a abandonar o cuidado que deveria ter para com os seus pais. O diálogo entre o casal está sempre vivo e Jean Briquet, que publicou de forma seletiva sua correspondência e, ao que parece, deixou de lado uma parte dessas trocas epistolares, que traduzem a animosidade do proscrito, em relação à sua esposa e a sua reciprocidade<sup>5</sup>. Ele conclui:

Ela compreendeu o marido, aceitou a maior parte de suas ideias, mesmo que a sua vida não tenha sido fácil, mas gerenciou sofrivelmente a casa, o lar onde sobreviveram. Ela deve ter se espelhado em George Sand, sem o conhecimento do seu marido, que precisou sair do exílio para evitar uma catástrofe. (BRIQUET, 1955, p. 390).<sup>6</sup>

Esse primeiro caso é mais complexo do que parece, pois mesmo se não há migração feminina, o projeto migratório é constantemente pensado e negociado pelo casal. Mas isso não é central, uma vez que a exilada não existe, pois, a esposa não parte.

### 3 “É belo seguir um exilado!”

No segundo caso mencionado, o das mulheres seguidoras, acompanhar o seu esposo representa uma exigência muito forte, de modo que a partida acontece de modo forçado. A imagem magnificada da companheira que suaviza as agruras do exílio é um *topos* da literatura do exílio, mas, *a contrario*, a mulher é sempre julgada a mais frágil, suportando o exílio bem menos que o homem. As privações materiais, mas também a separação da sua família, causam

<sup>4</sup> « Celle qui ne peut revêtir ses habits de veuve ».

<sup>5</sup> Agradeço a Cécilie Attalin, descendente de Perdiguier, a quem dedico a sua pesquisa, por me ter confiado essas informações recentes.

<sup>6</sup> Elle comprit son mari, épousa la plupart de ses idées, même si sa vie ne fut pas facile, mais géra lamentablement leur ménage, le garni qui les faisait subsister. Elle dut emprunter, notamment à George Sand, à l’insu de son mari, qui dut sortir de l’exil pour éviter la catastrophe. (BRIQUET, 1955, p. 390).

a nostalgia ou até mesmo o suicídio. Em *À vous qui êtes là*, poema da obra *Les Contemplations*, Hugo admira as “seguidoras” e grita: “é belo seguir um exilado!”, evocando “as heras dos escombros” e “os condenados do amor”. Jean Bossu, historiador da proscrição, relatou, por sua vez, toda uma série de retratos dessas “valentes mulheres” que, como Anne Greppo na Bélgica e na Inglaterra ou como a jovem Allix em Jersey, seguem um marido, ou um irmão. Madame Sebert, vendedora de cigarro em Bruxelas, encarna as virtudes femininas que devem prevalecer: a devoção e a hospitalidade. Ela cuida de Gustave Tridon, doente, e organiza o seu funeral ao lado da mãe do jovem, que veio velar os últimos instantes do seu filho. Jeanne Sebert é considerada uma militante blanquista pela historiografia socialista belga e francesa (LORIAUX, 2007).

Os testemunhos dessas mulheres permitem ultrapassar essas representações? Elas produzem sua própria invisibilidade, pois não é com frequência que elas escrevem nos momentos difíceis; apenas anos mais tarde, para pedir socorro. Permanecendo nos Estados Unidos, sem recursos e sem filhos, Virginie Bisson e Victorine Bellard não dão nenhum detalhe sobre os trinta anos que passaram longe da França e produzem apenas documentos solicitados para justificar suas condições de viúvas: contrato de casamento e ato de morte de seus esposos. Julie Frond, que envia uma carta contendo em torno de quinze páginas, substitui o seu marido, doente demais para escrever. Ela escreve a princípio em seu nome, depois o “eu” se torna o de Victor Frond. Não sabemos nada de sua existência, apenas que ela é mãe de apenas quatro filhos e que pede indenização devido à sua realidade. A leitura paralela da sua certidão de casamento dá, entretanto, espaço para reflexão: ela se casou com Victor Frond em 1857 no Rio de Janeiro, mas é originária de Seine-et-Oise onde vivem seus parentes e de onde eles dão seu consentimento. Nessa data ela tem apenas 17 anos. Como essa jovem menina se encontrou tão longe e como ligou seu destino a um homem igualmente muito engajado nos complôs e tentativas de derrubada do regime imperial? As fontes aqui são mudas. Elas traduzem, apesar de tudo, uma mobilidade voluntária que contrasta com a imagem da valente esposa e mãe.

A situação social do proscrito e da sua esposa é um parâmetro essencial. Hermione Quinet, para apenas citá-la, tem toda uma outra atividade e presença ao lado do seu marido, criando uma importante rede epistolar feminina e masculina, copiando os manuscritos de Edgar Quinet. Essa situação é excepcional e as dificuldades materiais têm um papel maior, sendo o trabalho normalmente *proibido* a essas exiladas burguesas. Confrontadas pelo declínio

social de seus pais ou maridos, muitas vezes mesmo sem recursos, elas devem utilizar seus estoques de conhecimentos para se empregarem como explicadora de francês ou de piano.

A paleta de experiências profissionais mostra, à leitura das fontes da lei de reparação de 1881, para a maioria delas, uma maior capacidade de adaptação que não o dizem as narrativas de exilados. Se abandonamos as fontes habituais da proscricção, policiais geralmente, para consultar anuários dos franceses na Grã-Bretanha, como o guia Hamonet, bem como os *anuários ingleses*, encontramos várias atividades profissionais, fora do ensino, acessíveis às mulheres e, então, aos exilados. Entre as francesas, as lavadeiras ou modistas são muitas. O silêncio dos republicanos em Londres sobre as mulheres não significa a sua ausência. Gillian Tindall, pesquisando sobre o proscrito Martin Nadaud, descobriu que a sua filha Désirée o tinha procurado em Londres, o que suas memórias, publicadas durante a III República, não mencionam (TINDALL, 2001). A troca de correspondências durante seu exílio com a família na França atesta a presença da jovem que frequenta a elite da proscricção, como a família dos Chevassus, morando então em Saint Peter Street, em Islington. Désirée Nadaud não mora com seu pai. Ela vive em um quarto modesto perto de Soho, na casa de Marie Nardin, uma mulher solteira nascida em Paris, fabricante de flores artificiais; em cuja casa ela estava aprendendo.

Várias mulheres endossam conjuntamente, ou no lugar de seu esposo ou do pai, a mudança de classe social que resulta no exílio. É o caso de Madame Berru, que se tornou operária tipógrafa em Bruxelas, para permitir que seu marido seguisse suas atividades jornalísticas. Em seguida, os esposos partilham uma atividade profissional escondida, por ser um pouco inesperada: a de professores de natação (HUGO, 1874). Na sua correspondência com suas amigas de exílio, Madame Julie Baune menciona, sem outra precisão, um trabalho de operária realizado em todas as suas estadias na França. As regras da sociabilidade e da conduta burguesa devem, entretanto, ser mantidas, custe o que custar: assim testemunham sobre os rituais mundanos conservados no exílio, que podem parecer vãos. Madame Fleury e suas filhas deixaram, graças à correspondência que elas endereçam à Hermione Quinet, um testemunho muito preciso das dificuldades de viver essas situações inéditas. Em 1862, Laure Fleury escreve à sua interlocutora que ela e suas filhas não frequentam mais o salão de Madame Didier pois, diz ela: “Nós não podemos sair: nem mesmo para simplesmente ir, é preciso ter uma permissão, o que não podemos ter.”<sup>7</sup> De todo modo, é preciso se manter em seu lugar. Madame Proudhon é assim duplamente estigmatizada, por causa de sua falta de escolaridade e porque

---

<sup>7</sup> BN Manuscritos, Naf 20788.

ela está “afundada nos afazeres domésticos.”<sup>8</sup>. Isso se aproxima da análise feita por Theodor Adorno no contexto da emigração alemã dos anos 1930:

A medida de todas as coisas é alterada e as perspectivas são distorcidas. A vida privada toma uma importância desproporcional, ela se torna febril e invasiva, precisamente porque ela não existe mais e tenta, desesperadamente, provar que ainda existe. A vida pública toma a aparência de um juramento de fidelidade ao conformismo.<sup>9</sup> (ADORNO, 1991).

Encontramos as mesmas *febrilidades* nas exiladas alemãs em Londres, estudadas principalmente por Rosemary Ashton e Carol Diethel (DIETHE, 1986). Mas essa comparação com outras estrangeiras mostra igualmente que não existe, dentre as mulheres francesas, figuras de esposas tão emblemáticas quanto as que encarna Johanna Kinkel. Nascida em 1810, ela tornou-se, após o primeiro casamento, compositora em Berlim, onde reside de 1836 a 1839. De volta à Bonn, funda um círculo literário, reencontra e se casa com Gottfried Kinkel em 1843. Ela se encarrega da *Neue Bonner Zeitung* quando o seu marido é aprisionado, no período da Primavera dos povos. Ela o faz partir em novembro de 1850 e eles chegam em 1851 a Londres. *A mãe dos emigrantes*, como a chamam, foi muito admirada e muito criticada. Ela e o seu marido foram atacados e satirizados, principalmente por Marx. Acusam-nos de frequentar a aristocracia ou a alta burguesia alemã que, é verdade, abrem as portas e confiam a educação de seus filhos aos refugiados alemães. O casal trabalha duro: enquanto o marido multiplica cursos e conferências, ela ensina música e canto e também publica artigos sobre a vida musical em Londres. Através dos quatro filhos, ela dirige um olhar agudo sobre a educação dada na Grã-Bretanha, comparada ao sistema alemão. Mas é sobretudo a imagem de uma mulher muito devotada ao seu marido e desprezada, que ela deixou para a posteridade, em sua autobiografia, disfarçada no romance publicado de forma póstuma, dois anos depois do seu suicídio, em 1860, *Hans Abeles in London* (MARX-ENGELS, 1861). A situação de Johana Kinkel, que alimentou as conversas dos cafés e os escritos dos proscritos alemães, testemunha um conformismo social transgredido e reinvestido no campo político. O adultério de Nathalia Herzen, mulher do escritor russo e a relação entre o francês Challemeil-Lacour e uma mulher casada são também eventos

---

<sup>8</sup> BN Manuscritos, Naf 20792, Correspondência de Hermione Quinet.

<sup>9</sup> La mesure de toutes choses est altérée et les perspectives sont faussées. La vie privée prend une importance disproportionnée, elle devient fébrile et envahissante, précisément parce qu'elle n'existe plus à proprement parler et qu'elle tente désespérément de prouver qu'elle existe encore. La vie publique prend l'allure d'un serment de fidélité au conformisme.

que abalam a imagem exemplar que se pretende passar nesse meio, quaisquer que sejam suas nacionalidades.

Faz-se necessário ainda, para sermos completos, mas não exaustivos, evocar os casais *mistos*, Alphonse Esquiros e Louis Blanc, que se casam, ambos, com *estrangeiras* a quem não se faz menção. Elas são realmente tão apagadas quanto o dizem as biografias de seus famosos esposos? O que se sabe é que elas não pertencem às mesmas redes que as suas companheiras, francesas e alemãs e, que não trocam correspondências com elas, o que nos permitiria conhecer seu estado de espírito. Elas são as verdadeiras mulheres silenciosas do exílio.

Os retratos deixados por aquelas que conhecemos melhor insistem sobre os valores femininos que lhe permitem suportar a sorte, apoiar seus esposos e os aliviar com os cuidados do lar. Como indicava por um êxito mais recente – o exílio chileno – Bénédicte Marques Pereira: “no exílio os homens têm uma família, as mulheres se ocupam delas” (PEREIRA, 2007).

Essa divisão sexuada de tarefas não concede às mulheres nenhuma ação política: elas não escrevem e, na melhor das hipóteses, copiam as obras de seus esposos, não ficam nos cafés nem nos bancos. Entretanto, é em parte, por serem menos notadas, que elas não são submetidas às mesmas leis e podem assim circular livremente entre o país do exílio e a França. Devido a isso, elas constroem um verdadeiro espaço transnacional para a proscricção francesa. É então que aparece seu verdadeiro papel político, um papel de mediadora. Elas são emissárias discretas, mas regulares. Céleste Madier de Montjau se divide entre Bruxelas e Aix-en-Provence, onde reside a sua família, Laure Fleury e suas filhas, Nancy e Valentine, vão e vem entre La Châtre e Bruxelas, Julie Baune vai regularmente à França e informa a proscricção na Bélgica, sobre a situação da França. Madame Granger retorna também periodicamente a Mans, sua cidade de origem e, no seu retorno para Jersey, faz para o seu marido, a narrativa que ele espera e, assim, assegura que esperem o seu retorno (GUYON, 1905).

Há então, paradoxalmente uma maior liberdade de ação, ou de expressão. As correspondências femininas testemunham amplamente um constante interesse pela causa republicana. Debatem-se obras de Michelet e de Quinet e de *La Révolution* que indigna notoriamente Madame Arnaud de l'Ariège “neta de montagnard” (APRILE, 1997). Essa identidade republicana é fortemente afirmada por Nancy Fleury, que deseja desenvolver um ensino republicano<sup>10</sup>. Essa missão educativa se expressa sobretudo no seio de sua família onde

---

<sup>10</sup> BN Manuscrits, Naf 20788.

elas veem formar-se uma nova geração de republicano(a)s. A correspondência que trocam Céleste Madier e Montjau com Hermione Quinet mostra as dificuldades<sup>11</sup>. O proscrito Madier de Montjau tem, segundo a expressão de sua esposa, a dor de não ter continuado pelo seu filho<sup>12</sup>. Raoul recebe, entretanto, uma educação republicana: ele tem como mentor um proscrito, Versigny. Quando esse último parte para a Suíça, sua mãe prefere voltar à França e se concentra sobre o seu projeto educativo que preenche toda a sua existência. Mas seu filho demonstra ter um *mau caractère*, seus resultados são medíocres e ele não expressa nenhum interesse pela política. O retorno a Bruxelas em 1858 não resolve as relações pai-filho e, é no internato na França que Raoul termina seus estudos em 1860. Cortando quase todas as relações com a sua família, ele se torna, em seguida, músico na Ópera de Paris, um dos lugares emblemáticos da festa imperial, para o desapontamento de seus pais.

A *seguidora* pode também partilhar mais ainda do engajamento do seu cônjuge. É o caso de Marie-Louise David, igualmente conhecida pelo nome de mulher casada, Marie Huleck. Enquanto filha de proscrito, ela conheceu o exílio em Londres, onde o seu pai se refugiou. Foi lá que ela se casou com Huleck. Ela é, a título pessoal, membro ativo da *Reform League* e participa de grandes manifestações organizadas por ela em Hyde Park em 1866-1867. Ela é eleita, como o seu marido, membro do conselho geral de A. I. T. em 1868 e, quando eles emigram para os Estados Unidos, ela continua a militar ativamente no seio da organização internacional. Ela retoma, alguns anos mais tarde, ao que parece, sua independência e se separa do seu marido. Seu caso parece, entretanto, muito excepcional e poucas notícias biográficas testemunham uma identidade política particular; nota-se, às vezes, a presença de um engajamento partilhado (CORDILLOT, 2002).

#### 4 A voz das mulheres

Existe, enfim, uma terceira figura, a das exiladas que, inquietas por igualdade com relação aos homens, na manhã de 02 de dezembro, partem para se instalarem no estrangeiro e são passíveis dos mesmos problemas. A lei de reparação nacional reconhece, para algumas, os mesmos direitos que os homens a uma pensão a título pessoal<sup>13</sup>. É o caso de Jeanne Deroin, também de mulheres anônimas, como Susannah Claye, nascida em Londres, de 45 anos,

<sup>11</sup> BN Manuscripts, Naf 20792.

<sup>12</sup> BN Manuscripts, NAF 20792, fol. 95-96.

<sup>13</sup> AN, F15 4049. Ela recebe uma pensão de 800 francos.

quando ela é capturada em 05 de dezembro de 1951 em Agen<sup>14</sup>. Ela é condenada à deportação para Cayenne. Sua irmã conseguiu sua liberdade, sob a condição de que ela deixasse a França. Ela se instala então em San Sebastian, onde viveu dando aulas, até a anistia em 1859.

A situação é mais grave no caso do exílio do que no da simples migração? De um lado a mãe, a irmã e sobretudo a esposa e a filha e, do outro, a heroína, a militante? Elas se misturam e se transmutam no panteão que mostra os porta-vozes da proscricção. Hugo recita, sobre a tumba de Louise Julien, a longa lista de mulheres que se sacrificaram:

Pauline Roland na África, Louise Julien em Jersey, Francesca Ma Maderspech em Temeswar, Blanca Teleki em Pesth, muitas outras, Rosalie Gobert, Eugénie Guillemot, Augustine Péan, Blanche Clouart, Joséphine Prabeil, Elisabeth Parlès, Marie Reviel, Claudine Hibruit, Anne Sangla, viúva Combescure, Amandine Huet, e ainda muitas outras, irmãs, mães, filhas, esposas, proscritas, exiladas, transportadas, torturadas, supliciadas, oh, pobres mulheres. (HUGO, 1875)<sup>15</sup>.

Ele não separa a seguidora e a militante.

Amédée Saint-Ferréol, outro proscrito faz uma lista de mulheres mortas durante a proscricção, distinguindo aquelas que morreram no estrangeiro, das que morreram na França. O que importa “é que a mulher repousa perto de sua família”<sup>16</sup> (SAINT-FERRÉOL, 1870).

É ainda um estudo de caso que pode restituir a complexidade dessas situações femininas. Os documentos que acompanham as reivindicações no dossiê de reparação do proscrito Bonnard permitem que cheguemos a Marie Nardin, essa parisiense instalada em Londres que acolhe a filha de Martin Nadaud. Exilada voluntariamente, encarcerada em 1852 durante nove dias, em seguida ela partiu para Londres sem ser incomodada pela política, como ela mesma escreve. Em 1881, ela nada reivindica, por razões que, diz ela, se lhe apresentam. Ela se diz proscrita, mas, não quer mais ouvir falar nesse assunto. Sua fala foi recolhida em Londres, uma vez que aceitou falar; mas, dificilmente parece testemunhar, nesse dossiê, em favor de um proscrito acusado de ser um informante<sup>17</sup>. Seu depoimento é a única peça

---

<sup>14</sup> Mas a indenização que Jeanne Deroin obtém, pela lei de reparação, é apresentada como “uma pensão que lhe conseguiram os antigos camaradas do exílio”.

<sup>15</sup> Pauline Roland en Afrique, Louise Julien à Jersey, Francesca Maderspech à Temeswar, Blanca Teleki à Pesth, tant d'autres, Rosalie Gobert, Eugénie Guillemot, Augustine Péan, Blanche Clouart, Joséphine Prabeil, Elisabeth Parlès, Marie Reviel, Claudine Hibruit, Anne Sangla, veuve Combescure, Amandine Huet, et tant d'autres encore, soeurs, mères, filles, épouses, proscrites, exilées, transportées, torturées, suppliciées, ô pauvres femmes. (HUGO, 1875).

<sup>16</sup> « C'est que la femme repose auprès de sa famille ». (SAINT-FERRÉOL, 1870).

<sup>17</sup> Ver O *Annuaire commercial ou Guide Hamonet*, Paris, Hachette, 1884 et o *Post office Register de 1881*. AN, F15 4082, Cópia da conversa entre Marie Nardin e o proscrito Auduc, carta de 31 de janeiro de 1882: « je ne veux rien signer ».

produzida e apresentada no dossiê e vale para o proscrito como um modo de ser liberado dessa acusação. Esse exemplo é ínfimo e sua narrativa é fruto de uma série particular de circunstâncias, mas essa fonte mostra uma continuidade, ou fidelidade, a uma rede de amigos e/ou políticos através dessas ligações com Nadaud e sua vontade de ruptura ou de segredo em nome de um desengajamento que não é explicitado.

Os historiadores não deixaram de lado a militante e Jean Bossu destaca que a repressão do golpe de Estado se abateu uniformemente sobre os homens e as mulheres. Ele evoca, como figura emblemática, Jeanne Deroin (BOSSU, 1947). Mas esse itinerário feminino simboliza, aos seus olhos, o fracasso de uma ação própria às mulheres ou, ao menos, sanciona uma tentativa fracassada. É verdade que Jeanne Deroin, exilada na Grã-Bretanha, se abstém de escrever depois de ter publicado dois números do seu *Almanach des femmes* e parece mais interessada pela espiritualidade que pela política. Jean Bossu presta mais atenção, pois ela parece mais integrada ao seu percurso, à sua tentativa de fundar uma sociedade fraterna de proscritos, bem como à experiência da sua pensão para crianças refugiadas. Nessa rápida biografia sucede a lembrança de Pauline Roland e de Louise Julien, através das obras de Hugo. Juntamos a essas duas representações de mulheres *livres*: Marie de Solms, qualificada como amiga de Lammennais e de Eugène Sue, e Malwida von Meysenbug que é uma *típica estrangeira*. Jean Bosu apenas segue suas fontes: com base em testemunhos masculinos mais informados e autorizados como o de Ténot, de Saint-Ferréol e do jornal *L'Homme* no qual ele construiu essa imagem do exílio feminino. Mais próximo de nós, na excelente obra que publicou Michel Cordillot, *La sociale en Amérique. Dictionnaire biographique du mouvement social francophone aux États-Unis*, podemos notar a forma distinta com a qual as mulheres são apresentadas. Não escapamos a um olhar sexuado: mesmo uma personalidade autônoma como Marie-Louise David é descrita fisicamente, o que é excepcional para os homens; é mencionado que em uma manifestação novaiorquina ela “ergueria a bandeira vermelha que ela mesma havia bordado”<sup>18</sup>.<sup>19</sup>

Esses itinerários femininos merecem, contudo, uma outra leitura, que não supervaloriza a abordagem de algumas mulheres com relação a outras, requalificando e não desqualificando a situação das seguidoras e das militantes.

<sup>18</sup> « Arborait le drapeau rouge qu'elle avait elle-même brodé ».

<sup>19</sup> Os casais políticos são melhores representados no engajamento utópico das comunidades fourieristas et cabetistas (seguidores da doutrina de Fourier e de Cabet, respectivamente).

A biografia de Jeanne Deroïn na Inglaterra é também sintomática desse olhar sexuado que esquece as mulheres, porque elas mesmas escolheram outras vias de expressão. Jeanne Deroïn *falha*, segundo a historiografia republicana da III República, nas atividades para as quais o exílio a conduziu. Sua abstenção política é apresentada, como uma consequência de suas dificuldades materiais e não como uma recusa da forma como os homens fizeram política; eles continuam a pensá-la depois do fracasso dos anos 1848-1851. Michèle Riot-Sarcey em *La démocratie à l'épreuve des femmes* retrçou seu percurso paralelamente aos de Dérisée Gay e de Eugénie Niboyet. Ela dá uma outra explicação a essa exclusão que segue sua intrusão na vida política e que se conforma a um distanciamento voluntário da mesma (RIOT-SARCEY, 1989). Em *L'Almanach des femmes*, Jeanne Deroïn não se preocupa, como escreve frequentemente, com o ocultismo, nem mesmo com a espiritualidade, ela defende o que ela qualifica como “o elã voltado ao céu para escapar da escravidão”<sup>20</sup>. Ela escreve:

Se for preciso, de fato, que esse título de esposa e de mãe seja um motivo de exclusão e um estigma de indignidade civil e política, não se pode achar estranho que a mulher se refugie no sentimento cristão e que, vendo a dignidade humana ultrajada nela, ela queira se despir da natureza humana e se revestir da natureza angélica para se emancipar da brutal dominação do homem e de uma humilhante servidão<sup>21</sup>. (DEROÏN, 1854)<sup>22</sup>

O *silêncio* de Jeanne Deroïn é então forte e explícito. A partir de 1852, ela renuncia abertamente a todo diálogo com os republicanos, que ela considera como cúmplices e responsáveis do novo regime. *L'Almanach des femmes* se interessa, então, exclusivamente pelas performances artísticas, científicas, religiosas e pacifistas das mulheres do mundo inteiro. Essa reflexão sobre a regeneração do mundo pelas mulheres é efeito de uma exclusão que as leva, como diz Michèle Riot-Sarcey, a se refugiar em uma feminilidade deferente, fora dos valores impostos, longe das práticas políticas e, sobretudo, ao encontro das doutrinas masculinas. Isso conduz Jeanne Deroïn a inscrever a política em uma perspectiva religiosa. Ela define o socialismo como:

---

<sup>20</sup> « Élan vers le ciel pour échapper à l'esclavage ».

<sup>21</sup> S'il faut, en effet, que ce titre d'épouse et de mère soit un motif d'exclusion et un stigmate d'indignité civile et politique, l'on ne peut trouver étrange que la femme se réfugie dans le sentiment chrétien et que, voyant la dignité humaine outragée en elle, elle veuille dépouiller la nature humaine et se revêtir de la nature angélique pour s'affranchir de la brutale domination de l'homme et d'une humiliante servitude.

<sup>22</sup> *L'Homme*, em 8 de fevereiro de 1854, publica um artigo de Jeanne Deroïn sobre a transmigração de almas. Em um número precedente, encontramos um artigo de C. Pecqueur que trata sobre a imortalidade da alma; e ele não é estigmatizado. Ver também *L'Almanach des femmes*, maio de 1855: *Women's Almanach for 1853 (1854)*, publicado por Jeanne Deroïn, Londres.

[...] a religião social que tem por base por dogma a solidariedade, ou seja, a responsabilidade mútua, a fraternidade universal e por culto o trabalho solidário, ou seja, o trabalho de todos os membros da família social, unidos no objetivo de homenagear Deus em suas obras. [...] Enfim a moral do socialismo tem por objetivo a regeneração da Humanidade e o triunfo da fraternidade e da harmonia universal, em outras palavras, o reino de Deus sobre a terra. (PRIMI, 2005, p. 129)<sup>23</sup>.

São essas expressões parecidas que emprega Louise Otto-Peters na Alemanha, quando define a democracia como uma *religião*. É então não uma renúncia, mas, mais exatamente uma ruptura que marca a última parte da vida dessa mulher pária, mais que exilada<sup>24</sup>. Destacamos que o *Almanach* é a única publicação bilingue da imprensa francesa no exílio. A maior parte dessas figuras de militantes destacam essa circulação de ideias entre a França e o mundo anglo-saxão, que parece mais fácil, ao menos praticada sem desconfiança ou uma prática anexionista entre mulheres.

Jenny d'Héricout contradiz igualmente a ideia de um *silêncio* das mulheres em 1848. Ela não é condenada ou perseguida depois do golpe de Estado, mas ela escolhe o exílio em 1864, depois de ter publicado *La femme affranchie*. Ela desaparece no sentido próprio do termo e foi a historiadora Karen Offen que encontrou seus rastros e publicou um artigo reconstituindo seu itinerário, a partir de um texto autobiográfico, publicado em 8 de maio de 1869 em *The Agitator*, jornal editado por mulheres em Chicago (OFFEN, 1987). Sua autobiografia se conclui assim:

Desde *La femme affranchie*, Madame d'Héricout não tem nada publicado sobre a questão das mulheres. A causa é tão bem servida em todos os lugares agora, que ela pensa que não precisam mais dela. Ela não recusava, certamente, uma nova tarefa nessa direção, mas ela espera que essa tarefa a reivindique, ela não a buscaria por si mesma. Há cinco anos, ela está na América entre nós e vai ficar alguns anos ainda provavelmente se não a chamam na França, seu verdadeiro terreno de utilidade<sup>25</sup>. (OFFEN, 1987, p. 95).

---

<sup>23</sup> [...] la religion sociale qui a pour base et pour dogme la solidarité, c'est-à-dire la responsabilité mutuelle, la fraternité universelle, et pour culte le travail solidaire, c'est-à-dire le travail de tous les membres de la famille sociale, unis dans le but de rendre hommage à Dieu dans ses oeuvres. [...] Enfin la morale du socialisme a pour but la régénération de l'Humanité et le triomphe de la fraternité et de l'harmonie universelle, c'est-à-dire le règne de Dieu sur la terre.

<sup>24</sup> La figure du paria est ici proche de celle de l'exilée. Cf. le colloque Le paria, une figure de la modernité ; organisé par Eleni Varikas et Marianne Leibovici, Paris, 17-18 octobre 2002.

<sup>25</sup> Depuis la femme affranchie, Mme d'Héricourt n'a rien publié sur la question des femmes. La cause est tellement bien servie partout maintenant qu'elle pense qu'on n'a plus besoin d'elle. Elle ne refuserait pas, certainement, une nouvelle tâche dans cette direction mais elle attend que cette tâche la réclame, elle ne la chercherait pas elle-même. Depuis cinq ans, elle est en Amérique parmi nous, et va y rester quelques années encore probablement si on ne l'appelle pas en France, son vrai terrain d'utilité.

O afastamento ancora a antiga ativista francesa em um movimento feminista internacional, enquanto mediadora das relações entre as Americanas, como Elisabeth Cady Stanton, Susan B. Anthony, Kate Doggett e as francesas. Ela pronuncia, na mesma data, um discurso no congresso do americano *Equal Rights Association* em Nova Iorque, onde ela propõe a criação de uma liga internacional das mulheres.

Se a situação de Jenny d'Héricourt é menos claramente a de uma exilada, ela sinala, como para Jeanne Deroin, uma radicalização do engajamento por causa das mulheres e a vitalidade desse primeiro movimento internacional das mulheres composta pela França e a Alemanha, de mulheres em exílio. Como escreve Bonnie Anderson: “elas consideram que os males do mundo, a escravidão, capitalismo, guerra, conservadorismo político sustentado pela religião, sendo devidos, em uma larga medida, à exclusão das mulheres da esfera pública.”<sup>26</sup> (ANDERSON, 2002).

Essas mulheres, sozinhas, testemunham, cada uma à sua maneira, formas de descontinuidade com seu engajamento, à maneira republicana. Elas encontram outras formas de agir, que lhes parecem mais urgentes na hora do balanço negativo de 1948. Essa atitude dá uma visão mais universal e menos nacional.

Essa falta de visibilidade lhes é própria? Aqui a atitude é realmente sexuada?

Um estudo sociopolítico do exílio, fundado sobre uma pesquisa mais quantitativa, cruzada com a análise de trajetórias individuais, convida, na verdade a selar, conjuntamente, a sorte de bom número de homens e de mulheres na proscricção. O desengajamento político é um dos componentes maiores do exílio. A duração, as dificuldades materiais, o isolamento ou a rejeição das estruturas da política do exílio, causam a mutação do proscrito em imigrante. Essa passagem é facilitada pela ausência de papéis, caracterizando a situação do refugiado e a inexistência de um direito do asilo constituído. O anonimato do imigrante neutraliza, talvez, a situação do refugiado, qualquer que seja o seu sexo.

## Considerações finais

---

<sup>26</sup> Elles considérait que les maux de leur monde, esclavage, capitalisme, guerre, conservatisme politique soutenu par la religion, étaient dus, dans une large mesure, à l'exclusion des femmes de la sphère publique. (ANDERSON, 2002).

Ao termo dessas trajetórias, algumas reflexões se impõem. A primeira se refere à necessidade de cruzar os dados e de multiplicar os olhares. Isso não tem apenas por consequência exumar as fontes femininas ou documentos sobre as mulheres, mas conduz também a uma releitura mais social que política, de uma história da proscricção, que reteve apenas as figuras heroicas e posturas corajosas. Através dessas mulheres, é a proscricção em massa que aparece em seu cotidiano, mas igualmente em suas interrogações sobre a construção de uma política de exílio e sua eficácia. A segunda se refere às formas complexas de engajamento político, marcada aqui por formas de sororidade mais que de fraternidade entre militantes franceses e estrangeiros. A proscricção conduz, enfim, através dessa dupla qualidade de estrangeira excluída do seu país e da vida política vivida pelas mulheres, a se interrogarem sobre a fragilidade e a porosidade da fronteira entre o refugiado e o migrante econômico, construída aqui sobre o gênero, mas que deve ser acoplada à condição social, ao tempo e aos lugares do exílio. O olhar masculino sobre as mulheres muda com o exílio? A figura tutelar de Madame de Staël é invocada, mas para evocar a nostalgia a qual ela experimenta; e sua postura é mais condenada que elogiada: ela figura um combate solitário, pessoal, onde os proscritos masculinos reivindicam práticas coletivas e organizações solidárias.

As fontes femininas e masculinas não demonstram uma mutação de olhares. Isso não ocorre; se assemelha a uma radicalidade política mediana. As sucessões dos proscritos, os *Communards*, não parecem ter tratado diferentemente as companheiras dos exilados. Lucien Descaves em *Philémon, vieux de la vieille* consagra uma passagem aos refugiados da Comuna. Ele enumera as atividades femininas que são sexuadas: “a mulher de Gustave Lefrançais bordava, madame Arthur Arnaud vendia aves”<sup>27</sup> (DESCAVES, 1913, p. 84) e suas virtudes são sempre a coragem e a devoção. O casal é também magnificado: Philémon cuida com devoção da sua mulher, bem como o proscrito Baune cuida da sua, vinte anos mais cedo. (QUINET, 1869). No enterro de Madame Cournet (viúva), em agosto de 1881, Eudes retrata as virtudes cívicas da defunta que sustentou seu marido e seus filhos no exílio<sup>28</sup>.

O século XX não forneceu contraexemplos, mas forneceu situações com as quais a comparação é fecunda. Elas traduzem uma hierarquização de tarefas, mas também de mudanças de classes sociais e políticas que tocam os homens e as mulheres de forma distinta e podem fazer emergir novas militâncias como desengajamentos comuns.

<sup>27</sup> « La femme de Gustave Lefrançais brodait, madame Arthur Arnaud vendait des volailles » (DESCAVES, 1913, p. 84).

<sup>28</sup> Archives de la préfecture de police, 211 BA.

Vemos que a questão dos sexos merece ser discutida e que é preciso parar de considerar naturalmente o “exilado universal”, bem como o migrante universal, como um personagem masculino (FALQUET; GOLDBERG-SALINAS; Z Aidman, 2000).

## Referências

- ADORNO, T. W. *Minima Moralia. Réflexions sur la vie mutilée*. Paris : Bayard, 1991.
- APRILE, S. Bourgeoise et républicaine, deux termes inconciliables ? In : CORBIN, A. ; LALOUETTE, J. ; RIOT-SARCEY, M. *Femmes dans la cité*. Paris : Chéaphis, 1997.
- APRILE, S. Exil et éloignement : la famille comme recours ». In : CHAUVARD, J. F. ; LEBEAU, C. (dir.). *Éloignement géographique et cohésion familiale (XVe-XXe siècle)*. Strasbourg : Presses Universitaires de Strasbourg, 2004. p. 31-49.
- BISILLIAT, J. Migration féminine comme parcours initiatique : la conquête d'une nouvelle identité (São Paulo, Brésil). *Cahiers du Cedref*, n° 8-9, 2000, p. 69-85.
- BOSSU, J. Les républicaines sous le Second Empire », 1848 : *revue des révolutions du XIX<sup>e</sup> siècle*, printemps-automne 1947.
- BRIQUET, J. *Agricol Perdiguier, compagnon du tour de France et représentant du peuple (1805-1875)*. Paris : Éditions de la Butte aux cailles, 1955.
- DIETHE, C. Keeping busy in the waiting room : German women writers in London following the 1848 revolution. In : FREITAG, S. *Exiles*. Oxford : Oxford University Press, 1986.
- FALQUET, J. GOLDBERG-SALINAS, A. Z Aidman, C. *Femmes en migrations. Aperçus de recherche*. *Cahiers du Cedref*, n° 8-9, 2000 ; A. Goldberg-Salinas, « Brésiliennes en exil : de femmes migrantes à féministes étrangères », *ibid.*, p. 43-68 ; J. Bisilliat, « Migration féminine comme parcours initiatique : la conquête d'une nouvelle identité (São Paulo, Brésil) », *ibid.*, p. 69-85.
- FALQUET, J. ; GOLDBERG-SALINAS, A. ; Z Aidman, C. *Femmes en migrations. Aperçus de recherche*. *Cahiers du Cedref*, n° 8-9, 2000.
- GOLDBERG-SALINAS, A. Brésiliennes en exil : de femmes migrantes à féministes étrangères. *Cahiers du Cedref*, n° 8-9, 2000, p. 43-68 ;
- GREEN, N. *Repenser les migrations*. Paris : PUF, 2002.
- GUYON, L. *Une évasion: troisième et dernière partie de l'étude historique sur Charles Granger*. Le Mans : Librairie Saint-Denis, 1905.
- HUGO, C. *Les hommes de l'exil*. Paris : Hetzel, 1874.
- HUGO, V. *Actes e paroles II. Pendant l'exil*. Paris : Michel Lévy, 1875.
- LORIAUX, F. Les femmes en exil au temps de la Première Internationale, communication au colloque *Exhumer l'histoire des femmes exilées politiques*. Ulb, 10-11 mai 2007.
- MARQUES PEREIRA, B. L'expérience de l'exil chez les femmes leaders chiliennes. *Exhumer l'histoire des femmes exilées politiques*. Ulb, 10-11 mai 2007.

PERROT, M. Intervenção no colóquio “Et pourtant eles bougent! À propôs des mobilités des femmes », *Jornada de estudos*, IRESCO, 8 de junho, 2000.

PRIMI, A. « Die Frauen-Zeitung et L’Almanach des femmes, dernières tribunes des “femmes de 1848” », *Revue d’histoire moderne et contemporaine*, janvier-mars, 2005.

QUINET, E. Portrait de madame Baune. *Mémoires d’exil*, Paris, Librairie internationale, 1869.

RIOT-SARCEY, M. *La Démocratie à l’épreuve des femmes*. Trois figures critiques du pouvoir 1830-1848, Paris, Albin Michel, 1994, et « Une vie publique privée d’histoire : Jeanne Deroin ou l’oubli de soi », *Cahiers du CEDREF*, n° 1, 1989.

SAINT-FERRÉOL, A. *Les proscrits français em Belgique ou la Belgique contemporaine vue à travers l’exil*. Bruxelles : C. Muquardt, 1870. L’autre *topos* de celui qui ne peut « fermer les yeux de sa mère » et assister à son enterrement.

TINDALL, G. *Le voyage de Martin Nadaud*. Monaco : Éditions du Rocher, 2001.